

Cotidiano

JUVENTUDE E O REFLEXO DA DES-ATENÇÃO À SAÚDE: O SER CONTEMPORÂNEO E AS RESPONSABILIDADES SOBRE AS RELAÇÕES HUMANAS

Karla Rossana Gomes Lôbo (1).

Verônia Salgueiro do Nascimento (2).

Introdução

A vida humana constantemente discutida nas mídias, nas rodas entre amigos e familiares ou como objeto de estudo de várias ciências, reacende debates contemporâneos sobre vários ângulos de percepção, mas com uma temática em comum: a inquietação sobre como viver bem, numa perspectiva integral em dias de violência, corrupção e consumo exacerbado das coisas e pessoas. Reflexões sobre necessidades e desejos de ser adulto, ser idoso, ser criança e em especial, ser jovem, nesses contextos de mundo globalizado que habitamos e compartilhamos - querendo ou não, socialmente - , apontam para um desejo de realização por meio da qualidade do que se vive e como se vive. Mas o que desejamos é o que necessitamos para viver bem?

Historicamente, a contribuição para o avanço científico que em princípio subsidiaria melhor o homem, a saber, de si e melhorar suas condições de vida na Terra, marca a era de Descartes. Mas, a visão herdada do cartesianismo, que reside na raiz das ciências, revela-se fragmentada em sua visão do sujeito, muitas vezes desconsiderando os aspectos biopsicossocioculturais e espirituais, como também fora dos currículos na interdisciplinaridade da formação acadêmica e posterior atuação ético-humanística profissional. O fruto colhido desta semente é modelo de sociedade vigente, de apelo ao progresso e crescimento econômico, estimulando a associação da capacidade de consumir com a realização humana em todos os aspectos. Mas o que se tem percebido na busca dos sujeitos aos serviços de saúde, revela sintomas e falas sobre insatisfações e infelicidades, muito presentes nos quadros psicossomáticos dos prontuários médicos e psicológicos.

As vivências nos espaços e/ou serviço de saúde, como na especialidade da saúde coletiva se configura às mesas de debates, congressos e outros espaços de discussão, como bandeira disciplinar e de prática em saúde, que mais pesquisa sobre doenças e sociedade, como também de sua relação contemporânea com estados depressivos, maníacos ou fóbicos, a saber, da necessidade do resgate à

vivência plena da humanização. E quando estes pacientes\clientes usuários procuram estes espaços de saúde, reclamam a falta de preocupação, escuta e eficácia de alguns profissionais como sendo reflexo da vida corrida, imediatista, contradizendo a prioridade para as práticas em atenção à saúde, que devem está diretamente associadas às práticas e orientações em cuidado. Assim todo conhecimento, todas as tecnologias e terapêuticas, tornam-se obsoletas e perdem o sentido por não estarem a favor de uma visão global na atenção em saúde, para com um sujeito que é coletivo.

A tarefa da medicina no século XXI será a descoberta da pessoa – encontrar as origens da doença e do sofrimento, com este conhecimento desenvolver métodos para o alívio da dor, e ao mesmo tempo, revelar o poder da própria pessoa, assim como nos séculos XIX e XX foi revelado o poder do corpo (CASSEL, 1991. p.10).

Como esta perspectiva equivocada de atenção em saúde, principalmente para estes sujeitos que chegam aos serviços já adoecidos, encontram um sistema também em sofrimento, principalmente porque os servidores em saúde são sujeitos da mesma sociedade que se faz agente mórbido, contradizendo toda a lógica de cuidado.

Para esta nova demanda de sujeito social que precisa de uma nova relação para as práticas em saúde, faz-se imprescindível o despertar para as demandas humanas no reconhecimento das reais necessidades, carências de saúde plena, na busca para a verdadeira promoção em saúde.

No caso do Brasil, especificamente, que ainda se revela em cenários de carências em toda ordem de justiça social e dignidade humana, sugere o embaçar pouco em pouco da percepção destes sujeitos sobre si mesmos. No caso do Nordeste, esta realidade se configura ainda mais delicada. Enquanto que outras regiões urbanas usufruem de mais acesso a serviços e recursos em saúde, a compreensão do que é ser humano frente aos impeditivos que as políticas públicas, não pode estar dissociada de uma prática cidadã, nem tropeçar na exclusão social. O cidadão deve está para a promoção de um processo sustentável para o interior desta região, que exige ainda mais investimentos e cuidados gerais.

Não por acaso que a Juventude e respectiva reflexão sobre Identidade esbarra na sociedade local que, neoliberal, prioriza as vivências da lógica de mercado capitalista e consumista, que aliena os jovens dos processos sócio-políticos frente à atuação e reivindicação sobre melhores condições de vida saudável.

É neste sentido, que muito se perdeu, necessária condição de evolução humana frente a construção de e dos conhecimentos. “Estamos de novo perplexos, perdemos a confiança epistemológica; instalou-se em nós uma sensação de perda irreparável tanto mais estranha quanto não sabemos ao certo o que estamos em vias de perder” (SANTOS, 1987, p.2).

Na busca em compreender a extensão sobre a dimensão da saúde na perspectiva humanizadora das relações humanas frente a problemática do silêncio da juventude atual sobre qualidade condições de vida e atenção em saúde, há de se considerar a importância em pesquisar a relação dos jovens

contemporâneos com o atual modelo de sociedade que foi construído em bases excludentes, numa visão de mundo utilitarista das condições naturais, em especial, com os jovens, que até pouco tempo na história não se eram equiparados nem a categoria de ‘seres humanos’, gente.

Problematização

Reconhecendo que as políticas públicas em saúde, especialmente aquelas voltadas à prática humanizadora, apresentam-se frágeis e que escasseiam de meios necessários para a transformação da realidade atual, parte-se de pensar os jovens como população reflexo da realidade dos atores sociais mais distantes desse acesso pleno à saúde. Além da tomada de consciência por parte dos jovens participantes da pesquisa, para uma nova cultura de organização protagonista e percepção diante das problemáticas contemporâneas de atenção em saúde, possibilitar reconhecer os modos de vida da juventude nas comunidades locais, devem-se evidenciar potencialidades e estimular o empoderamento e intervenção reflexiva sobre saúde coletiva. Trata-se de uma visão integradora de espaços, atores sociais e relação saudável de equidade na distribuição de renda, na participação direta das decisões sobre a própria vida social, solidária e justa, para jovens e todas as *gentes*.

Mas os desafios sobre a dimensão humana misturavam-se agora com as dimensões do da qualidade de vida. A justificativa para esta relação acontece por causa da interligação-interdisciplinar frente às reclamações por mudanças urgentes nas desigualdades e das angustias de toda uma ordem – ou desordem – social, o que já nos é insustentável no planeta, não salvo as regiões interioranas do Nordeste brasileiro.

Por isso que neste contexto, o Jovem passa a ser reflexo e ao mesmo tempo reprodutor do que vivencia socialmente, não estimulado a práticas de participação e vivências em cidadania, ao que se refere a políticas sociais como efetivamente considerar e atuar em saúde como direito universal e dever do Estado de assegurar para os novos sujeitos a liberdade de viver e ser cidadãos.

Esta lógica autônoma tão defendida em especial na importância do educar a população para este exercício de cidadania pela prática educativa Freireana, estimula remontar um ator que para sua felicidade necessita também de forma integral acessos todos. No caso aqui, uma população alheia da sua própria realidade não conseguirá reivindicar direitos, nem conscientizar-se dos seus deveres. Freire (1996) defende a politização e imprescindibilidade da educação como mediadora e instrumentalizadora para a autonomia de pensamento e ação. Uma juventude que não é sensibilizada não se percebe sujeito da história, muito menos curiosa de conhecimentos, participação político-social, por que segue as imposições a lógica capitalista que negligencia o valor humano e exalta capacidades de consumo, desprestigiando a vida e o desenvolvimento humano consciente das experiências e práticas humanizadas e de saúde plena.

Entender sobre a condição humana de como existir, produzir e de agir no mundo subsidia a compreensão do que é ser mesmo humano, na construção do que a natureza vivencia com os contextos de sua singularização como sujeito único. Porém, para existir, explora o que for necessário para continuar sobrevivendo, não mais observando e contemplando a natureza para dela sabê-la e sim a utilizando sem reflexões, danificando-a. Assim não é por acaso a fragilidade da identidade dos jovens, na fragmentação da cultura pelo ideário capitalista, sendo priorizadas as relações de poder e não as humanas.

A retomada dessa valorização humana é que vai garantir a permanência do homem sobre a Terra, no resgate de formas harmônicas de convivência, reconhecendo-se como parte dessa natureza.

Segundo Herrera (1984), o que de fato distingue o homem dos outros animais é a própria definição do homem, um animal não apenas social, mas também cultural. E o homem pode mudar, melhorar, entender seus semelhantes e respeitar o seu entorno justamente por ser um animal cultural, que interage, lembra, dialoga e reflete para encontrar novos caminhos mais harmoniosos para convivência na Terra (CHACON, 2007, p.56)

Mas, os conflitos e as crises políticas e sociais interferem e refletem ações humanas desarmonizadas da preocupação em saúde. A ciência e a tecnologia deveriam ser a favor do homem, para a melhoria e harmonia da vida na Terra, cuidado das relações entre pessoas, natureza, preservando os afetos.

Dentre tantas respostas à questão “o que é ser humano”, é destacada aqui a que é dada por Martin Buber: o que distingue a condição humana é justamente essa possibilidade relacional. Para Buber (1974, 1982), a condição humana é adquirida a partir da capacidade de se relacionar com o outro. (CHACON, 2007, p.59)

Neste sentido, substituir conflito pelo encontro retorna o humano a sua humanização, dialogicamente, concordando com Buber, que o Eu não existe sem o Tu, é o *ser-em-relação*. , existindo em sua totalidade no EU-TU – alteridade e pessoalidade -, diferentemente do EU-ISSO, quando o outro é ISSO, então não o é ser, pessoa, no máximo é um indivíduo, pois *estar é encontrar*. Assim num mundo onde se restringe ao ISSO, fazendo-o prevalecer, nessa ‘modernidade’ dos acúmulos, desrespeitando responsabilidade e solidariedade, tão vividas geracionalmente pelos sertanejos, impede novos e resgate desses encontros. Sendo imposto pelo ISSO o que EU preciso para ser feliz.

As categorias de base do discurso dialógico são alteridade e vulnerabilidade. Alteridade é o atributo irredutível (intrínseco) do outro; ele só continua outro assim. Dizer “você é...” é negar a alteridade do outro. Já a vulnerabilidade na relação estabelecida com outro significa um interferi: o outro é vulnerável ao eu e o eu ao outro (BUBER, 1974, 1982 apud, CHACON, 2007, p.60).

Assim essa relação EU-TU, permite a alteridade, no encontro com outro, diretamente. Não se define como o ISSO, negando-o como pessoa, mas sim concordando como ‘ser relacional’.

Com esse modelo posto, o individualismo é incentivado, a impessoalidade aponta para a aquisição de poder, criando a ilusão de que o indivíduo é soberano no seu desejo e realização de ter, mesmo a vida sendo finita, e a extrapolação de limites é contrária a forma plena de encontro, na responsabilização sobre o outro, pois só me vejo, se vejo o outro, então assim, sei de mim.

É permitir que haja o encontro com o outro de forma plena. Nesse encontro, que não se dá apenas entre os homens, mas também entre este e os demais seres, ocorre a descoberta do outro e de si mesmo pelo olhar do outro, uma vez que o eu é vulnerável à alteridade do outro. (CHACON, 2007, p.66)

É neste sentido que se vive o encontro de forma amorosa, sem as formalidades e limitações do domínio do ter, vivenciando a liberdade da experiência, o sujeito responsável pelo o outro, vendo-o de forma ampla.

Considerações

A juventude contemporânea retrata uma percepção social estereotipada de alheamento e exclusão dos espaços de participação interventivos em saúde. Ao contrário, distancia-se dos conceitos e vivências saudáveis, envolvendo-se cada vez mais no novo modelador da lógica de mercado que aniquila criticidades e reproduz o que é mais lucrativo ao próprio sistema. Assim, o *ser* sujeito é negligenciado passando a adoecer não só fisicamente, mas socialmente, desatento à saúde e necessidades sobre a construção real do que necessita para sua qualidade de vida. Enquanto o mercado dita o que viver e como viver o *ser* contemporâneo também se individualiza, mas sem discernir o que sua identidade demanda. Quem define o que precisa é o *ISSO* e não o próprio *SER*. Retomaremos a condição responsável de ser humano e conseqüente consciência da importância das relações humanas saudáveis para a além da sobrevivência da espécie humana sobre a Terra, e sim, vivências harmônicas, de boniteza e plenitude.

Referências

BUBER, M. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. Eu e Tu. São Paulo, 1974. In: MORAES CASTRO, D. S. P. **Existência e Saúde**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2002.

CASSEL, E. **The Nature of Suffering and the Goals of Medicine**. Oxford: Oxford University Press, 1991.

CHACON, Suely Salgueiro. **O Sertanejo e o Caminho das águas**: políticas públicas, modernidade e sustentabilidade no semi-árido – Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2007 (354p. série BNB teses e dissertações, n.08).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HERRERA, A. A Crise da Espécie, In Bursztyl, M., Leitão, P. & Chain, A. (orgs.), **Que Crise é Essa?** São Paulo, Brasiliense/ CNPq, 1984.

SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Afrontamento, 1987.

•

Sobre as Autoras:

- (1) **Karla Rossana Gomes Lôbo** é Psicóloga e Mestranda do PROGER – Universidade Federal do Ceará – Cariri. **E-mail:** profkarlinhalobo@hotmail.com;
- (2) **Verônica Salgueiro do Nascimento** - Universidade Federal do Ceará – Sobral.

Como citar este artigo (Formato ISO):

LÔBO, Karla R. G. e NASCIMENTO, V. S. Juventude e o Reflexo da Des-Atenção à Saúde: O *Ser* Contemporâneo e as Responsabilidades sobre as Relações Humanas. **Id on Line Revista de Psicologia**, Novembro de 2012, vol.1, n.18, p. 07-12. ISSN 1981-1189.